

## A educação médica visa produzir qual identidade no/a estudante durante a graduação?<sup>1</sup>

Ursino Neto

*O valor de uma vida não se mede pela quantidade de coisas que realizamos, mas pela qualidade da nossa presença em cada uma de nossas ações. (Frédéric Lenoir)*

### SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 Quem é o sujeito da graduação em Medicina e como se forma?
- 3 O aprendizado da Medicina tem base em que tipo de conhecimento?
- 4 Qual o valor da formação de médicos/as críticos, resilientes e resistentes à imposição do biopoder?
- 5 Durante a graduação do Curso Médico se transmite a paixão pela Medicina?
- 6 Considerações finais

#### 1 Considerações preliminares

Este primeiro texto do Módulo de Bioética e Cidadania (Desenvolvimento Pessoal 5) pretende ser um acolhimento insólito aos/às estudantes da Turma 125 da Faculdade de Medicina-UFC (Famed), pois pautado em questionamentos extemporâneos tornados invisíveis, ocultos, marginais pelos dispositivos institucionais constitutivos dos Cursos de Medicina (em geral); mas aqui serão resgatados devido à sua própria relevância e ao nosso compromisso com a autêntica formação humana do/a discente.

O acontecimento que se intenciona destacar é um período da vida de jovens graduandos que se preparam para adquirir uma capacidade extraordinária para cuidar de outros seres humanos, ou seja, buscam aprender o saber da Medicina.

O foco da análise se pauta na nossa realidade: a graduação no Curso de Medicina da Famed que tem alicerce no social porque é uma instituição formadora de caráter público.

O saber da Medicina se aprende como uma “experiência de ser médico”. Naturalmente, a responsabilidade pela condução de tal experiência é da instituição, do seu currículo, do seu corpo docente; mas, para nós, sobretudo, dos próprios discentes porque são eles/elas que vivenciarão para o resto de suas vidas o significado e o sentido da vida de médico/a.

A educação médica visa produzir qual identidade no/a estudante durante o período da graduação? Que tipo de experiência ele/ela se reconhece como aprendiz de medicina? Quem é o sujeito da graduação em Medicina e como se forma? O aprendizado da Medicina tem base

---

<sup>1</sup> Texto Encontro 1 (Graduação 2021.2): uma referência para produzir o exercício ético da experiência de si ou PensArteCorpo.

em que tipo de conhecimento? Qual o valor da formação de médicos/as críticos, resilientes e resistentes à imposição do biopoder? Durante a graduação do Curso Médico se transmite a paixão pela Medicina?

Essa problematização nos atende como uma referência inicial para produzir uma hipótese guia deste estudo: em linhas gerais, o Curso de Medicina é permissivo, consciente ou inconscientemente, em relação à captura da forma de vida do/a estudante pelo biopoder.

Alguns conceitos, palavras e termos técnicos aplicados aqui serão desdobrados ao longo do Módulo, tornando-se pedagogicamente mais didáticos em vários temas que se desenvolverá para estudar e compreender melhor o saber da Bioética como *Ética-da-vida* ou *Aionética*.

## **2 Quem é o sujeito da graduação em Medicina e como se forma?**

Os Cursos de Medicina atuais formam a identidade do/a estudante como um sujeito?

A palavra sujeito no senso comum remete imediatamente a alguém portador de direitos. Entretanto, a cultura ocidental, a partir da Modernidade, construiu o conceito da palavra sujeito com matiz polissêmico, isto é, com vários significados.

Sem descuidar o conceito de sujeito da área jurídica, aqui se enfatizará a dimensão epistêmica, ou seja, a capacidade do indivíduo de conhecer. Em outras palavras, o foco será o sujeito do conhecimento.

O conceito de sujeito neste texto parte da concepção de Jorge Larrosa<sup>2</sup> como o ser humano capaz da experiência de si.

Em sentido amplo, uma experiência para o ser humano se constitui quando uma determinada atividade se efetiva como um valor que contém significado e sentido, sendo incorporado ao self autobiográfico. Tal conteúdo é singular, contingente, histórico.

O Curso de Medicina é uma instituição escolar, pedagógica; portanto, utiliza os recursos ou dispositivos que atendem o interesse para assegurar o seu poder como formador ou produtor de indivíduos que terão uma função social - os médicos.

Um dispositivo controla a forma de vida do homem, pois tem a capacidade de interceptar e modelar o comportamento do indivíduo, de uma coletividade, capturando os gestos, as condutas, as opiniões e o próprio modo de pensar a realidade.

Logo, ele implica um processo de subjetivação, um arcabouço limitante da subjetividade que poderá atingir o "*assujeitamento*" para atender o interesse situado na instância do poder.

Um dos principais requisitos de controle é desconsiderar a singularidade do estudante, interpretando-o como um integrante de turma, grupo ou população, considerando-o como uma materialidade indiferenciada.

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) muito nos ensinou sobre como os dispositivos funcionam para controlar o indivíduo por intermédio de instâncias da sociedade (escola, hospital, caserna, prisão, etc.); como operam os seus regimes de verdade, as técnicas e os procedimentos valorizados na transmissão da "verdade", além do *status* daqueles responsáveis pelo dito que "vale como verdadeiro".

Na escola, o currículo é a "regra" que modela a forma de vida do estudante e isto se aplica, sem dúvida, ao Curso de Medicina porque é por intermédio dele que principalmente o biopoder age, determina, controla, normatiza e afeta o cotidiano da forma de vida do aprendiz de Medicina.

## **3 O aprendizado da Medicina tem base em que tipo de conhecimento?**

---

<sup>2</sup> Cf. LARROSA, J. *Tecnologias do Eu e Educação*. In SILVA, T.T. (Org.) *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

A cena do primeiro dia de aula de um Curso de Medicina exibida no filme *PATCH ADAMS: o amor é contagioso* esclarece esse problema maravilhosamente.

A turma de estudantes calouros reunidos no auditório em um ambiente de comunicação entre si alegre e festiva; de repente, se faz silêncio e a câmera mostra a entrada do diretor e um séquito de professores (somente homens brancos), todos impecavelmente trajados com os seus jalecos brancos, camisa de colarinho e gravata.

A cena é breve, o discurso do diretor incisivo e fulminante.

Ele inicia resgatando o princípio hipocrático do *primum non nocere* (antes não causar dano), provoca um viés de pensamento quando compara o ato de tratar a doença no corpo de alguém, sem qualquer erro, e o poder sobre a própria vida, depositando na Medicina tal fiança.

O final da sua narrativa é preciso e apologético: como os seres humanos cometem erros, os médicos não podem ser humanos como os outros.

Portanto, a sua conclusão é óbvia: aquele Curso de Medicina os transformará em outra espécie de ser humano – aquele que não erra.

O efeito daquelas palavras, em alguns discentes, é arrebatador e empolgante, sendo acompanhado por aplausos entusiasmados.

Para nós, o discurso do diretor é uma falácia, mas demonstra com clareza o tipo de conhecimento hegemônico que distorce o ensino da Medicina, direcionando-o unilateralmente e enviesando-o para um único sentido: o saber técnico (o qual não erra para ele).

A árvore do conhecimento é a metáfora que estrutura o saber técnico ou aquele baseado na tecnologia. Trata-se de uma “concepção mecânica”, reproduzindo a fragmentação cartesiana do saber, resultado do cientificismo oriundo da interpretação da Modernidade que culminou no século XIX no pensamento de Auguste Comte.

Para a Medicina, a imagem arbórea é didática para se compreender como se construiu um modelo de interpretação que ainda hoje predomina.

As raízes são as premissas que a ciência estabelece como verdade e acima do tronco, a copa frondosa onde crescem, cada vez mais, os galhos de diversas “especializações”.

Entretanto, essas “especializações” não guardam entre si quase nenhuma conexão, pois se ampliam em sua especificidade. Só é possível identificá-las como inerentes ao saber médico devido à sua relação com o “tronco comum” da árvore.

E qual é o “tronco comum”?

A resposta é inequívoca: o plano da cognição.

Aqui, desde já, é preciso desmistificar tal tese, desvelando o seu viés: a dissociação entre o conhecer e o sentir.

Como veremos adiante, em outro texto didático, António Damásio<sup>3</sup> o dirá com todas as letras na sua hipótese do marcador somático explicando como o ser humano adquire conhecimento.

#### **4 Qual o valor da formação de médicos/as críticos, resilientes e resistentes à imposição do biopoder?**

Assim como bioética, a palavra biopoder é um neologismo proveniente dos anos de 1970. Conceito criado por Michel Foucault que o relaciona a uma estratégia política: a racionalidade administrativa com a intenção funcional de governar, gerir, comandar as instituições ou a “máquina” do Estado. A esta configuração, Foucault denominou de “*governamentalidade*”.

---

<sup>3</sup> Cf. DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Historicamente, duas expressões de biopoder foram identificadas: o regime da “disciplina” e o regime da “biopolítica”.

O biopoder incidiu sobre os indivíduos a partir do final do século XVII inserido em um saber constituindo um dispositivo político cuja peculiaridade de atuação regulava detalhadamente as atividades do corpo.

Naquele contexto, ele estabeleceu a disciplina como um saber, uma “técnica política” para monitorar o corpo e o tempo dos homens; com isso, transformou-os em força de trabalho.

A relação de poder que se manifesta no plano da disciplina produz normas, na maioria das vezes, indutoras de imposições coercitivas que afetam o modo de vida humana; logo, um saber com dupla caracterização: o *normativo* determinando o certo e o errado, o permitido e o proibido etc., como também o *normal* oriundo do seu regime de “verdade” imposto como modelo.

A consequência disso se denomina *normatização* e *normalização*, estando presente na escola, no hospital, na fábrica, na caserna, na prisão etc.

Como disciplina, o biopoder foi uma estratégia da economia-política no passado e continua também sendo no presente, visando à subordinação da força vital do homem para impor-lhe uma dupla condição instrumental: ser útil para a economia e ser subserviente na política.

Esclarecido o horizonte conceitual, a questão acima se revela por si: o valor é a própria formação autêntica da educação médica resistente ao biopoder, configurando uma nova forma-de-vida do estudante de medicina.

## 5 Durante a graduação do Curso Médico se transmite a paixão pela Medicina?

O afeto é um tipo de afecção (do grego, *pathos*) e se refere a algo que se sente. Trata-se do sentimento daquilo que decorre do efeito de alguma ação (subjativa ou exterior) conjugando mente-corpo.

A paixão é uma experiência de afeto.

Na Antiguidade, a tradição da cultura ocidental interpretava a paixão como um vício ou um desvio que deveria ser controlado pela razão.

Foi necessária a presença luminosa de Benedictus Espinosa no século XVII para colocar em xeque aquela concepção.

No contemporâneo, António Damásio<sup>4</sup> resgatou o filósofo holandês para destacar a relevância e o valor dos sentimentos.

Para o neurologista português, a presença deles nos seres humanos é a garantia dos acontecimentos significativos tornarem-se sentido para a vida, pois serão constitutivos do self autobiográfico.

Para nós, esse acontecimento que nos molda é o exercício ético da experiência de si que no nosso Módulo se denomina PensArteCorpo.

Na educação, o exercício ético é um trajeto por entre os saberes que constituem a forma de vida do aprendiz; é uma passagem, um deslocamento, uma viagem na qual o *agente* da experiência se prova, se molda, se transforma; enfim, se inventa.

Aqui a paixão é compreendida como um encantamento e o nosso poeta Manoel de Barros já ensinou: “... a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balança nem com barômetro etc. A importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

## 6 Considerações finais

---

<sup>4</sup> DAMÁSIO, A. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Para concluir, uma indagação derradeira para meditar: o que é mais característico do currículo do Curso de Medicina? A transmissão de uma experiência especial de afeto, de cuidado ou a exigência da realização de tantas matérias e atividades que ocultam o essencial?

Para nós, “o valor de uma vida não se mede pela quantidade de coisas que realizamos, mas pela qualidade da nossa presença em cada uma de nossas ações”<sup>5</sup>.

A metáfora da árvore do conhecimento esconde uma estratégia de controle dos saberes. O pensamento não se faz no modelo arborescente, pois o cérebro age como uma multiplicidade, ou melhor, o sistema nervoso é um operador de natureza plástica e relacional com a potência da variabilidade inventiva inerente às condições da vida.

Como medita Silvio Gallo, a educação não pode ser considerada uma linha de produção em série cujo resultado é um objeto perfeito do que se ensina.

“Ensinar é como lançar sementes, que não sabemos se germinarão ou não; já aprender é incorporar a semente, fazê-la germinar, crescer e frutificar, produzindo o novo. (...) A aprendizagem é um processo sobre o qual não se pode exercer absoluto controle.”<sup>6</sup>

A institucionalização da escola na cultura ocidental desaguou no tipo de ensino em que o saber é proclamado autoritariamente do alto da cátedra (do latim, *cathedra*; cadeira), implicando um lugar de privilégio: o topo da hierarquia ocupado pelo professor.

Aqui no Módulo de Bioética e Cidadania denominado de *Ética-da-vida* ou *Aionética* se recusa esse tipo de saber-poder arbitrário que enclausura a potência da forma de vida do discente como se faz tradicionalmente.

Por isso, rejeita a designação de “cadeira” e acolhe o termo afetivo, carinhosamente inventado para designá-lo: *tamborete*. Metáfora, mas também instrumento crítico, dispositivo de luta, de resiliência, de resistência ao biopoder. A sua função é propiciar o salto do aprendiz para a liberdade.

O salto se efetiva por intermédio do PensArteCorpo como uma produção ou invenção de si para se tornar liberto do encarceramento moral.

O significado e o sentido, ou seja, o valor deste texto dedicado a receber os/as discentes da Turma 125 se produz, sobretudo, nas entrelinhas como um convite.

Uma provocação para desconstruir o tipo de sujeito que lhes é determinado pelo biopoder, para estimular o exercício da crítica ao pensamento da educação médica e do seu currículo como não-disciplinas e fazê-los/as ultrapassar as limitações impostas pela moral, abrindo novas possibilidades de pensar, de ser e de agir.

---

<sup>5</sup> Cf. LENOIR, F. *O poder da Alegria*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017, p. 41.

<sup>6</sup> Cf. GALLO, S. *Deleuze & a Educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 84.